

JOAQUIM NORBERTO E SUA CONTRIBUIÇÃO À EDIÇÃO DE TEXTOS E À CRÍTICA LITERÁRIA*

*Roberto Acízelo de Souza***

RESUMO

Na obra vasta e diversificada de Joaquim Norberto ocupa lugar de destaque a edição de textos. A crítica literária, por sua vez, aparece como atividade em geral derivada daquela, bem como em posição de menos relevo no conjunto de sua produção. Como crítico, segue principalmente uma orientação biográfica, muitas vezes enfeitando com lances dignos de folhetins sentimentais a reconstituição das vidas dos escritores estudados.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil. Crítica literária romântica. Edições de textos românticas.

1.

Joaquim Norberto (1820-1891) foi um trabalhador intelectual eclético e prolífico. Produziu poesia, prosa de ficção, peças dramáticas, ensaios históricos, ensaios literários, nem sempre havendo limites muito claros entre os gêneros das produções que nos legou. Nosso propósito aqui é analisar duas vertentes de suas atividades no campo dos estudos literários – ou, mais exatamente, histórico-literários –, a organização em livro das composições de poetas brasileiros dos séculos XVIII e XIX e a crítica literária, entendida esta última no sentido de estudo analítico e apreciativo de autores e obras literárias específicas.

2.

Entre os muitos e variados empreendimentos do escritor fluminense que nos ocupa, figura com destaque especial a organização de obras poéticas em livros, atividade de que foi um dos pioneiros entre nós, cabendo-lhe o mérito de haver criado “certo tipo de edição erudita no Brasil” (CANDIDO, 1971 [1959], v. 2, p. 391). Assim, devemos a ele edições de Gonzaga (**Marília de Dirceu**, 1862), Silva Alvarenga (**Obras poéticas**, 1864), Alvarenga Peixoto (**Obras poéticas**; 1865), Gonçalves Dias (**Poesias**, 1870), Álvares de Azevedo (**Obras**, 1873), Laurindo Rabelo (**Obras poéticas**, 1876) e Casimiro de Abreu

* Agradeço a José Américo Miranda, por sua informação sobre as diferenças entre as duas versões do estudo de Joaquim Norberto acerca de Casimiro de Abreu, bem como sobre as edições norbertianas das obras de Gonzaga e de Silva Alvarenga; a Maria Conceição Monteiro, pelas sugestões decorrentes de sua leitura da primeira versão deste trabalho; a Maria Eunice Moreira, pela indicação do ensaio de Joaquim Norberto sobre frei Manuel Joaquim da Mãe dos Homens; e a Valdeci Lopes de Araújo, pelo generoso repasse de dados importantes levantados por suas pesquisas na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**.

** Professor titular de literatura brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

(**Obras completas**, 1877), série que constituiu a “Brasília – Biblioteca dos Melhores Autores Nacionais Antigos e Modernos”,¹ que dirigiu para a editora Garnier (VERÍSSIMO apud GAMA, 1903, p. 1).²

Nesses trabalhos, atuou como um prático, pouco interessado em explicitar e discutir os fundamentos conceituais com que operava. Com efeito, não obstante tratar-se de metodologia sua contemporânea, fixada que foi nos anos de 1840, não há qualquer sinal de que tenha conhecido a sistematização da atividade filológica orientada para o estabelecimento de textos em bases científicas, devida sobretudo a Karl Lachmann (1793-1851) e mais tarde designada pelos termos ecdótica ou crítica textual, caracterizada pela sequência das operações que se tornaram clássicas: recensão, estemática, emendas, edição (SPINA, 1994 [1977], p. 66-69).

Seu empirismo, no entanto, não lhe tira o merecimento, e pode-se dizer que o empenho de rigor transformou as edições por ele assinadas no que de melhor o século XIX produziu entre nós nessa modalidade. Para se ter uma ideia do aspecto geral dos textos que organizou, analisemos seu primeiro exercício no gênero, a edição de **Marília de Dirceu**, publicada em 1862, em dois volumes.

O primeiro volume se apresenta subdividido em três grandes partes: “Introdução”, “Peças justificativas” e “Dirceu de Marília”. A “Introdução”, por sua vez, se subdivide nas seguintes seções: “I – Advertência sobre a presente edição”; “II – Reflexão sobre as diversas edições”; “III – Juízo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros”; “IV – Notícia sobre Tomás Antônio Gonzaga e suas obras”; “V – Notas”. Ora, ainda que não se trate de uma edição crítica, no rigor da expressão, conceito aliás de que Norberto não tinha notícia, cremos que os especialistas devem reconhecer nos

¹ Em algumas edições, o nome da série se apresenta na seguinte variante: “Brasília – Biblioteca Nacional dos Melhores Autores Antigos e Modernos Publicada sob os Auspícios de S. M. I. o Sr. D. Pedro II”.

² Segundo informa Antonio Candido, além das edições referidas, Norberto havia reunido materiais e elementos visando a editar ainda as obras de Cláudio Manuel da Costa e Basílio da Gama, aproveitados depois de sua morte respectivamente por José Veríssimo e João Ribeiro nos volumes que organizaram dedicados à produção daqueles autores, publicados em 1903, também pela editora Garnier (CANDIDO, 1971 [1959], v. 2, p. 391). O primeiro registra para Norberto o crédito e os méritos da pesquisa (VERÍSSIMO apud GAMA, 1903, p. 1); o segundo, porém, apenas o menciona de passagem por duas vezes, numa delas qualificando-o como “o mais bem informado e consciencioso dos seus [de Cláudio] biógrafos”, para logo em seguida apontar-lhe um erro de data (RIBEIRO apud COSTA, 1903, v. 1, p. 20).

Conforme Otto Maria Carpeaux, Norberto teria ainda organizado a edição de 1861 dos poemas de José Bonifácio (**Poesias de Américo Elísio**) (CARPEAUX, [1949], p. 84), embora não se encontre no próprio volume indicação do responsável pelo estabelecimento do texto. É provável que o bibliógrafo tenha deduzido o fato da circunstância de Afrânio Peixoto e Constâncio Alves terem atribuído a Norberto a autoria de um “Esboço biográfico” do autor que figura como apêndice na edição referida. Ver a propósito nota 9.

materiais assim ordenados todos os elementos básicos para a sua preparação.³ Quanto ao que chama “Peças justificativas” – que numa boa edição de hoje constituiria o que tecnicamente designamos pelo termo “apêndice” –, trata-se da transcrição de documentos históricos, dispostos na seguinte ordem: “I – Certidão de idade do Dr. Tomás Antônio Gonzaga”; “II – Termo de inquirição dos contraentes Dr. Tomás Antônio Gonzaga e Dona Juliana de Sousa Mascarenhas”; “III – Auto de perguntas feitas ao desembargador Tomás Antônio Gonzaga”; “IV – Defesa do procurador dos réus José de Oliveira Fagundes”; “V – Sentença da alçada conferida contra os réus”. Finalmente, o terceiro e último bloco do primeiro volume – “Dirceu de Marília” –, introduzido por texto intitulado “Sobre as presentes liras” e dividido em dois segmentos – “I – Amores” e “II – Saudades” –, merece comentário à parte, por certos elementos que lhe conferem singularidade.

Logo na “Advertência sobre a presente edição” o organizador se explica sobre a inclusão desse material:

Vai a presente edição acompanhada do **Dirceu de Marília**, cujas liras foram escritas em resposta às suas [de Gonzaga] na intenção de inteirar o poema lírico de tão puros amores e tão amargas saudades sentidas em lúgubres masmorras, e que, pela aceitação que mereceram dos amadores, tinham-se tornado raras, pois esgotara-se há muito a grande edição que delas se fez (SILVA apud GONZAGA, 1862, v. 1, p. 4).

Mais adiante no volume, já na página de abertura do segmento em questão, se lê, abaixo do título “Dirceu de Marília”: “liras atribuídas a Dona Maria Joaquina Doroteia de Seixas”.⁴ Em seguida, no texto introdutório ao referido segmento – “Sobre as presentes liras” –, reforça a aura criada em torno dos supostos poemas de Marília dirigidos a Dirceu, retomando a explicação que iniciara na “Advertência sobre a presente edição”. Informa então tratar-se de composições que, “apócrifas ou originais” (SILVA apud GONZAGA, 1862, v. 1, p. 183), “Parece que foram escritas em Vila Rica e enviadas pela maior parte ao Rio de Janeiro [...]” (SILVA apud GONZAGA, 1862, v. 1, p. 183). Prosseguindo, refere-se à edição anterior dessa intrigante coletânea, citando um trecho

³ De que suas edições não preenchem os requisitos do que se entende hoje por edição crítica constitui uma evidência a abstenção de nelas registrar as variantes, já que delega ao leitor-consulente esse trabalho. Veja-se a propósito o que afirma numa delas: “Pus todo o empenho para que a presente edição fosse não só mais completa, como melhor disposta, o que conseguirá ver quem a cotejar com as precedentes” (SILVA apud RABELO, 1876, p. 10).

⁴ *JIC*, certamente por engano, em vez de “Maria Doroteia Joaquina”, como consta em todas as demais ocorrências desse nome na obra.

que, numa peripécia algo folhetinesca, levanta a hipótese de que seja ele próprio o autor verdadeiro das líras atribuídas a Maria Doroteia Joaquina / Marília:

Fria e silenciosamente recebida da imprensa política e mercantil [quando de sua primeira edição, em 1845], apenas mereceu o **Dirceu de Marília** as seguintes frases animadoras da imprensa literária pelo seu órgão de então [o periódico *Nova Minerva*, dirigido por Santiago Nunes Ribeiro]: “[...] acaba de sair de nossos prelos um interessante opúsculo o **Dirceu de Marília**, coleção de líras atribuídas à senhora Maria Doroteia Joaquina de Seixas [...]. O Sr. J. Norberto de S. S. que se apresenta como editor [...] não o dá como de sua produção, mas também não o nega; deixa uma dúvida... e dessa dúvida nasce o desejo de leitura... e da leitura a ilusão... as líras são da celebrada amante de Gonzaga!... O poeta [Joaquim Norberto] identificou-se com os seus amores, padeceu suas saudades, para poder exprimir-se como exprimir-se-ia ela mesmo, se ela mesmo escrevesse essas líras. [...] Comparando-se, porém, as produções do autor [Joaquim Norberto] com a recente publicação, força é confessar que muito estudo fez para reproduzi-la [...]” (SILVA apud GONZAGA, 1862, v. 1, p. 185-186).

E o organizador conclui, após fechar a longa citação sem qualquer outro comentário, numa evidente manobra no sentido de deixar no ar a questão da autoria do opúsculo: “A presente edição vai mais correta, que houve todo o esmero que não se repetissem os erros que afeiam a primeira” (SILVA apud GONZAGA, 1862, v. 1, p. 189).

É de perguntar-se o que pretendia Norberto com tamanho enredo. Parece que com o mencionado opúsculo de 1845 sua intenção era aderir, embora bem tardiamente, à onda pré-romântica das fraudes literárias – ou da ficcionalização da autoria, procedimento este propriamente romântico, e que tanto prosperou no romance da época –, segundo os precedentes célebres de James Macpherson (1736-1796) e Thomas Chatterton (1752-1770), autores verdadeiros das obras que publicaram como se fossem respectivamente de Ossian, o bardo céltico antigo, e de Thomas Rowley, o monge medieval, isso na década de 60 do século XVIII.⁵ Mas e com a inclusão do opúsculo em causa na cuidadosa edição da poesia de Tomás Antônio Gonzaga que publica em 1862: que propósitos o motivariam então?

⁵ Se se trata de fraude literária ou ficcionalização da autoria – ou, quem sabe, de simples jogo, brincadeira –, decida o próprio leitor, à vista do parágrafo inicial do texto de apresentação do *Dirceu de Marília*, assinado por Norberto: “Não serei eu que afirmarei ou negarei a autenticidade da presente coleção de Líras extraídas de uma cópia que se me afirma ter sido tirada de manuscritos autênticos, cuja ortografia não pude conservar que não me permitiu a brevidade do tempo que tinha a dispor” (Silva, in DIRCEU de Marília, 1845, p. 6). A hipótese de fraude, contudo, parece improvável; além disso, se confirmada, o “crime” teria sido imperfeito, porque, no mesmo ano em que sai a sua edição de **Marília de Dirceu** (1862), o autor publica o livro **Brasileiras célebres**, em cuja parte dedicada a Maria Doroteia Joaquina de Seixas (capítulo V, “Poesia e amor”) não há nenhuma referência aos seus talentos poéticos, diferentemente do que acontece com a outra “brasileira célebre” tratada no mesmo capítulo – Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira –, cuja produção poética é objeto de referência.

Além do evidente ressentimento contido na queixa de que as tais líras teriam sido “fria e silenciosamente recebida[s] da imprensa mercantil” (SILVA apud GONZAGA, 1862, v. 1, p. 185) – ao contrário, aliás, do que ocorrera com as já referidas mistificações de Macpherson e de Chaterton, que tiveram repercussão memorável –, parece que o objetivo era uma estranha insistência no malogrado e ingênuo procedimento de dezessete anos antes. Independentemente, contudo, de especular sobre intenções, o fato é que o aproveitamento do **Dirceu de Marília** na edição em análise constitui um capricho do organizador, na contramão de sua proposta de fidelidade textual e histórica, capricho de resto injustificável tendo em vista o que ele próprio afirma de modo categórico: “Segui em tudo e por tudo a verdade histórica; ninguém dirá que romantizei à estrangeira” (SILVA apud GONZAGA, 1862, v. 1, p. 113).

No entanto, não obstante essa fantasia arbitrária que vai de contrabando numa obra orientada por rigor historiográfico, o que prevalece mesmo nessa edição do **Marília de Dirceu** são os cuidados técnicos mobilizados tanto para o estabelecimento do texto quanto para sua explicação. Daí a presença de uma Introdução substancial, em que se encontram uma justificativa para a nova edição, um balanço das edições anteriores, uma boa amostra da fortuna crítica, uma biografia sintética do autor estendida em análise crítica de sua obra, um apêndice composto por documentos históricos, uma notícia sobre traduções dos poemas e inclusões deles em antologias, além de uma longa seção de notas, que o organizador arremata com ânimo polêmico:

Nestas notas, tão numerosas, não tive em vista ostentar erudição. Apartando-me tantas vezes do caminho trilhado pelos biógrafos de Gonzaga, fui guiado por outras luzes, e vi-me como que na necessidade de basear as minhas asserções nos documentos que possuo ou consultei. [...] Resta agora que o meu trabalho seja aproveitado por muitos que não se dignam de citar as fontes em que bebem (SILVA apud GONZAGA, 1862, v. 1, p. 133).

Essa edição de **Marília de Dirceu**, entretanto, seria, como dissemos, apenas a primeira experiência de Norberto nessa modalidade de trabalho intelectual, cuja possível continuidade ele já então anunciava, com aquele sentimento de missão cívica tão característico dos nossos primeiros românticos:

Outros poetas e prosadores, não menos populares e estimados, estão pedindo a impressão de suas obras em coleção, pois que por aí andam dispersas e algumas ainda inéditas, e portanto desconhecidas, com quebra de sua glória que deixa de refletir sobre a nossa pátria.

O público decidirá se devo parar ou continuar em tão nobre empresa que, a não me enganar, tenho que será de grande proveito para o país e para as letras pátrias (SILVA apud GONZAGA, 1862, v. 1, p. 6).

Conquanto tenha sido uma primeira experiência, o fato é que aí já se encontra fixado o modelo que o autor seguiria nos demais livros que organizou, ao longo dos quinze anos seguintes de sua carreira. É que, na verdade, todos apresentam estruturação muito semelhante, com a ressalva de que em nenhuma das empreitadas posteriores ele se permitiria extravagâncias como aquela constituída pela inserção do **Dirceu de Marília** no corpo da obra de Gonzaga. Quanto ao veredicto do público, que, na tirada retórica contida no trecho citado, ele se propõe de bom grado acatar, sabemos que lhe foi amplamente favorável. Comprova-o a circunstância de que, além de ter editado seis obras posteriormente à de Gonzaga, a maioria delas teve diversas reedições.⁶ Não obstante tais evidências de receptividade e êxito, e talvez porque tenha sido póstuma a maior parte das reedições (onze, num total de dezoito), às vésperas de encerrar o ciclo de suas edições – quando publica a de Laurindo Rabelo, datada de 1876, a que seguiria apenas a de Casimiro de Abreu, no ano seguinte –, faz um balanço amargurado e ressentido de seus esforços:

Publicados com longos intervalos mal chegam os volumes da **Brasília** a realizar o número que prometi para complemento de tão patriótica coleção.

Não é minha culpa senão do público, que mal correspondeu os sacrifícios feitos pelo coletor e seu editor, pois há muito que os autores prometidos aguardam a ver de entrar para o prelo e de ocupar o seu lugar de honra em uma publicação que em qualquer país seria protegida como um monumento de glória nacional pelo governo menos inspirado de amor da pátria.⁷ Dói-me a lembrança de que

⁶ Curioso é que, dos sete poetas que editou, os românticos suscitaram maior número de novas edições, o que pode ser um sinal da inclinação do gosto do público pelo romantismo, no período que compreende a segunda metade do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Assim, registram-se duas edições norbertianas de Gonzaga (1862 e 1884), duas de Silva Alvarenga [uma de 1862 e outra sem data], uma de Alvarenga Peixoto (1865), oito de Gonçalves Dias (1870, 1877, 1891, 1896, 1904, 1910, 1919 e 1926), cinco de Casimiro de Abreu (1877, 1883, 1892, 1909, 1920), quatro de Álvares de Azevedo (1873, 1884, 1897, 1900) e duas de Laurindo Rabelo (1876, 1900), números que por sua vez podem também ser indício da popularidade maior ou menor dos poetas românticos. Quanto à circunstância de haver somente duas edições norbertianas de **Marília de Dirceu**, não obstante o reconhecido caráter popular alcançado pela obra, isso só pode dever-se exatamente à superoferta de edições: “[...] entre 1792 e 1930, nada menos que quarenta e sete [...] e, desde então, pelo menos outras cinco [...]” (PACHÁ, 2001, p. XVIII).

⁷ Chama a atenção, por inusitada, a veemência dessa crítica ao governo, por parte de um intelectual que, segundo a regra no tempo entre nós, costumava manter boas relações com o poder constituído, às vezes até assumindo atitudes tangentes à subserviência. É provável que a passagem reflita alguma questão política circunstancial, faltando-nos elementos para reconstituí-la. Ficamos também na dúvida sobre o alcance que se deve atribuir à palavra “governo” empregada no texto. Inclino-nos, contudo, a acreditar que terá sido antes referência ao gabinete então no poder, e não à figura do imperador, amplamente cultuada pelos intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico – cujas sessões, de resto, prestigiava constantemente com

envelheci ajuntando como avaro estas preciosidades e que em breve o sopro que me apagará a existência dispersará também tantas páginas reunidas com suado trabalho com o qual despendi tempo e dinheiro, que nem sempre tive à minha disposição. Assim Basílio da Gama, Santa Rita Durão, Antônio José, Cláudio Manuel da Costa, Marquês de Paranaguá, Marquês de Marica, Natividade Saldanha, Lucas José de Alvarenga, José Bonifácio, Lopes Gama, o Carapuceiro, D^a Beatriz e tantos outros aí ficam no pó do esquecimento, depois de tanta pesquisa sobre suas obras e ainda sobre suas biografias, graças à indiferença da pátria (SILVA apud GONZAGA, 1876, p. 7-8).

3.

Consideremos agora seus trabalhos no âmbito da crítica literária, tomada esta expressão, segundo já antecipamos, como designação para estudos analíticos e apreciativos de autores e obras literárias específicas.

A parte mais extensa e representativa dos seus escritos nessa modalidade compõe-se de certas matérias que publicou na **Revista trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** – “Bento Teixeira Pinto” (1850); “Notícia sobre o autor [frei Manuel Joaquim da Mãe dos Homens] e sua obra” (1856), “Casimiro de Abreu” (1870); “Notícia sobre Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa e suas obras” (1876); “O Dr. Laurindo José da Silva Rabelo” (1879); “Discurso por ocasião da morte de Joaquim Manuel de Macedo” (1882), “Alocução do presidente [lida na sessão solene comemorativa do centenário de Cláudio Manuel da Costa]” (1890); “Notas biográficas [sobre Cláudio Manuel da Costa]” (1890) –, bem como dos longos ensaios que fez constar das edições de poetas por ele preparadas, sempre com o título “Notícia sobre o autor e suas obras”.⁸ Além disso, legou-nos um “Esboço biográfico” de José Bonifácio,⁹ algumas biografias resumidas de mulheres que se dedicaram às letras¹⁰ e a apresentação

sua presença –, de que Norberto era membro desde 1841. Aliás, reforça essa suposição o fato de que, em alguns volumes da mencionada série “Brasília – Biblioteca dos Melhores Autores Nacionais Antigos e Modernos” – além dos dedicados a Alvarenga Peixoto (1865) e a Álvares de Azevedo (1873), o consagrado a Laurindo Rabelo (1876), onde justamente se encontra a crítica ao governo ora comentada –, seu longo título recebe o seguinte adendo: “Publicada sob os Auspícios de S. M. I. o Sr. D. Pedro II”.

⁸ Apenas a edição de Gonçalves Dias não conta com texto crítico-biográfico de sua própria autoria, uma vez que nela preferiu aproveitar o ensaio de Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro já publicado em edição anterior da obra do poeta organizada por Jaci Monteiro, datada de 1870, portanto curiosamente aparecida no mesmo ano da edição Garnier organizada por Joaquim Norberto.

⁹ O texto figura como apêndice da edição de 1861 da obra poética do autor (**Poesias de Américo Elísio**). Embora não tenha autoria identificada no próprio volume, parece mesmo tratar-se de trabalho de Norberto, pela concepção geral e estilo, o que encontramos referendado por duas fontes: PEIXOTO; ALVES, 1920, p. 35-36; CASTELLO, 1964, p. 89.

¹⁰ Tais biografias, na sua grande maioria, integram o livro **Brasileiras célebres** (1862), onde dedica seções às seguintes escritoras: Rita Joana de Sousa (1696-1718), Ângela do Amaral Rangel (nascida em 1726), Grácia Ermelinda da Cunha Matos (circa 1820-1838), Delfina Benigna da Cunha (1791-1857) e Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira (morta circa 1819). Um desses estudos, porém – o dedicado a Beatriz

de um pequeno volume de poemas.¹¹ Assinale-se, por fim, que, entre os dois conjuntos principais antes referidos, há sobreposição parcial, uma vez que o ensaio sobre Casimiro de Abreu sai primeiro na **Revista** (1870), sendo depois, com pequenas alterações, mas enriquecido com inúmeras notas, republicado nas **Obras completas** (1877), ao passo que o estudo sobre Laurindo Rabelo descreveu o percurso inverso, estampado que foi inicialmente nas **Obras poéticas** (1876), para depois figurar, também com ligeiras modificações, no periódico do Instituto Histórico e Geográfico (1879).

Alguns desses ensaios revelam escasso ou nulo teor propriamente crítico, caso daqueles dedicados respectivamente a José Bonifácio, a M. Gaspar de Almeida Azambuja e a Joaquim Manuel de Macedo, bem como dos que consagrou às “brasileiras célebres” pelos dotes literários. O primeiro se concentra exclusivamente na biografia do autor, em nenhum momento entrando em considerações sobre sua obra; o segundo, por sua vez, não passa de texto ritualístico e protocolar, destinado à apresentação de um estreante e seguindo a praxe polida de dar realce à juventude do poeta, o que enseja tanto acentuar suas potencialidades quanto desculpar suas inconsistências; e o terceiro, finalmente, não é senão um elogio fúnebre conformado ao modelo retórico do gênero. Quanto ao conjunto formado pelas sínteses biográficas de mulheres literatas, ainda que muito ligeiramente faça comentários de valor sobre suas obras, na verdade integra seu esforço por assim dizer profeminista de “[...] apresenta[r] em relevo as [...] patricias merecedoras das páginas da história” (SILVA, 1997 [1862], p. 3).¹²

O estudo sobre Bento Teixeira, por seu turno, se divide entre considerações biográficas – reduzidas a muito pouco, considerando a quase completa indisponibilidade

Francisca de Assis Brandão (1779-1868) –, foi publicado à parte na **Revista do Instituto Histórico**, em 1892, pouco mais de um ano após a morte do autor, trazendo como subtítulo: “Mais algumas páginas para as *Brasileiras célebres*, lidas na sessão de 23 de outubro de 1868”.

¹¹ **As saudades** (1862), livro de estreia do obscuro poeta M. Gaspar de Almeida Azambuja.

¹² Além do mencionado volume **Brasileiras célebres**, com que se dispôs corresponder a exortação de Januário da Cunha Barbosa – “Pede a justiça [...] que tiremos à luz ações gloriosas, que levem ao conhecimento do mundo as senhoras que as praticaram. Elas devem ocupar o mesmo distinto lugar que ocupavam os varões afamados por letras, armas e virtudes.” (BARBOSA apud SILVA, 1997 [1862], p. 2) –, testemunha ainda a favor de suas atitudes profeministas o fato de, na sessão de 25 de outubro de 1850, ter apresentado proposta, subscrita também pelos sócios João José de Sousa Silva Rio e Luís Antônio de Castro, no sentido de que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro “[...] honre o talento e o mérito das senhoras brasileiras na pessoa da Ilm^a Sr^a Dona Beatriz Francisca de Assis Brandão, admitindo-a na classe de seus membros honorários, para incentivo e estímulo às nossas patricias receosas de se darem à cultura das letras e afrontar os preconceitos da nossa velha educação publicando as produções de seu espírito” (SILVA, 1850a, p. 520). Encaminhada para análise por comissão integrada por Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias, a proposta seria rejeitada, conforme parecer aprovado na sessão de 5 de dezembro do mesmo ano, embora com a sugestão diplomática de que “[...] a distinta poetisa fosse recebida como ornamento de sociedade literária, cujos fins não estivessem limitados à história e à geografia” (SILVA, 1850a, p. 530-531); e como “[...] houvesse no Instituto a ideia de criação de uma Academia Brasileira, [deveria] o Instituto sobresta[r] em qualquer juízo a respeito d[a] questão, [esperando] pela instalação da Academia Brasileira para a ela remeter a proposta oferecida” (SILVA, 1850a, p. 531).

de dados a respeito da vida do escritor –, exposição de controvérsia sobre atribuição de autoria e breves juízos críticos, sendo que suas conclusões factuais estavam quase todas fadadas a retificação por investigações historiográficas futuras.¹³

O ensaio sobre frei Manuel Joaquim da Mãe dos Homens, a exemplo do anterior, também alega falta de fontes de informação para justificar o modo sumário como trata a biografia do autor, lacuna que compensa com minuciosa descrição do conteúdo da obra, entremeada por observações críticas sobre sua concepção geral, seu grau de precisão historiográfica, sua linguagem e seu estilo.

Quanto aos textos que dedicou a Cláudio Manuel da Costa, são ambos amplamente dominados por informações biográficas, em tom de celebração patriótica e com ênfase no episódio de sua participação na inconfidência mineira. Nos dois, no entanto, tangencia aqui e ali a crítica propriamente dita, sendo particularmente interessante um trecho em que, analisando o autor, afasta-se momentaneamente da concepção romântica de poesia como expressão psicológica espontânea e sincera, embora compreensivelmente não chegue a aprofundar a ideia. Vejamos a passagem:

Havia nele dois gênios ou dois temperamentos, um jovial e outro melancólico, que se transformavam mutuamente. Era um dualismo singular, de cuja existência dão testemunho as suas palavras e escritos. A tão aplaudida qualificação de Buffon de que o estilo é o homem tem nele completa negação. No meio dos amigos tornava-se divertido; tinha o riso da jovialidade nas faces macilentas, sendo a sua conversação repleta de sainetes, cheia de remoques, degenerando as mais das vezes em epigramas e sátiras. A sós consigo já não era o mesmo indivíduo. Embecia-se na mais profunda tristeza e, escrevendo, o estilo revestia-se das mais melancólicas cores, tornando-se de um sentimentalismo tão lúgubre que não deixa de impressionar os que o leem (SILVA, 1890a, p. 17).

Há enfim o grupo de ensaios mais característico de seu processo crítico-analítico, constituído pelos estudos sobre Gonzaga (1862), Silva Alvarenga (1864), Alvarenga Peixoto (1865), Casimiro de Abreu (1870), Álvares de Azevedo (1873), Teixeira e Sousa (1876) e Laurindo Rabelo (1876). Pode-se dizer que nesses ensaios chegou a cristalizar uma fórmula, já que em todos eles reserva um longo segmento inicial à composição de uma síntese biográfica, para em seguida, em trecho final bem menos extenso, concentrar-

¹³ Seu nome de fato era Bento Teixeira, e não Bento Teixeira Pinto; seu local de nascimento, Portugal, e não Pernambuco; e seu espólio literário se restringia ao poema **Prosopopeia**, uma vez que duas outras obras a ele atribuídas – **Relação do naufrágio** e **Diálogo das grandezas do Brasil** – tinham na verdade por autores respectivamente o piloto Afonso Luís [com revisão de Antônio de Crasto] e Ambrósio Fernandes Brandão.

se em observações críticas, numa nítida adesão ao pressuposto romântico da justaposição entre vida e obra.

As biografias que precedem à análise textual e ao juízo crítico, reforçando a pertinência da observação que fizemos, segundo a qual os ensaios do grupo em apreço cristalizam um modelo, são por sua vez também bastante homogêneas na sua concepção: em todas o biografado aparece como uma espécie de reserva moral da nacionalidade, envolto na aura de certo heroísmo burguês e moderno, fundado na decência, no trabalho e no cultivo dos bons sentimentos, como o varão de que fala o otimismo iluminista de Gonzaga:

O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os impérios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despoeva a terra
Também o mau tirano:

Consiste o ser herói em viver justo:
E tanto pode ser herói o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou herói, Marília bela,
Seguindo da virtude a honrosa estrada [...].
(SILVA apud GONZAGA, 1862, p. 103-104).¹⁴

E por essa honrosa estrada da virtude naturalmente não se passa em “brancas nuvens”:¹⁵ trata-se sempre de um caminho de provações e sofrimentos, o que determina a assimilação pelo relato biográfico de ênfase sentimental e peripécia sensacionalista, recursos que por sinal degeneram com frequência em verdadeiro humor involuntário, na linha dos mais rasgados folhetins, gênero aliás cultivado por Norberto. Vejam-se, a propósito, as seguintes passagens, entre tantas outras que podem servir de exemplo:

¹⁴ No caso de Alvarenga Peixoto, o biógrafo não deixa de assinalar o comportamento indigno que teria tido o poeta nos interrogatórios a que foi submetido por sua participação na inconfidência mineira: “Esquecido dos deveres que consagra a religião da amizade, Alvarenga Peixoto delatou os seus mais íntimos amigos, narrando com pueril minuciosidade as menores ocorrências [...]” (SILVA apud PEIXOTO, 1865, p. 50). No entanto, logo lhe justifica as fraquezas, chegando mesmo a revertê-las em sacrifício heroica, feito em nome do ideal burguês de aconchego familiar, que considera virtude cívica fundamental: “Para descer a tanta abjeção que de torturas não sofreu o pobre poeta! Só a consideração, só a esperança de poder voltar ao lar doméstico o levariam a se rastejar como verme desprezível pelo lodo do servilismo para chegar aos joelhos do vice-rei” (SILVA apud PEIXOTO, p. 52).

¹⁵ A expressão remete ao célebre poema “Ilusões da vida”, que sintetiza a ideia romântica do sofrimento como o sal da existência: “Quem passou pela vida em branca nuvem, / E em plácido repouso adormeceu; / Quem não sentiu o frio da desgraça, / Quem passou pela vida e não sofreu; / Foi espectro de homem, não foi homem, / Só passou pela vida, não viveu” (RAMOS, 1965, p. 122). O poema talvez seja a fonte da expressão que se tornou corrente no Brasil, tendo alcançado popularidade que aliás não se estende a seu autor, Francisco Otaviano (1825-1889), esquecido companheiro de geração de Joaquim Norberto.

Atormentava-o [a Alvarenga Peixoto] uma lembrança sinistra, que se erguia ante ele como um fantasma envolto em ensanguentadas roupas, trazendo na destra a lâmina de Catão e Bruto. Ah! Era o suicídio! Só ele poderia pôr fim a esse sonho, a esse enredo, a essa quimera, que se chama vida, que passa por verdade e que não é mais do que uma ilusão, uma mentira [...]. Mas seus filhos, mas sua esposa lhe apareciam através dos véus vaporosos do delírio, e um suspiro dissipava a sinistra visão (SILVA apud PEIXOTO, 1865, p. 56).

E que atribulada não foi então a sua vida [de Teixeira e Sousa]! Dia por dia os contou ele por dores e desgostos. Morrera seu pai, deixando-lhe por derradeiro consolo a religião, em cujos princípios o educara, e seus salutareos conselhos, filhos da experiência adquirida no meio de tantos desenganos. A mãe, que o amamentara em seus seios com seu próprio sangue, e que no seu coração concentrara todo o seu amor, fanou-se na primavera da sua existência. Ficou Antônio só neste mundo, como a palmeira do deserto abandonada ao sopro da tempestade (SILVA, 1876, p. 202-203).

Assim corriam os seus primeiros anos [de Laurindo Rabelo], quando veio a desgraça com o seu semblante austero e a sua mão mirrada bater-lhe à porta do triste albergue. Ah! já não bastava que ali morasse a pobreza com todos os seus andrajos e misérias, tragando o pão negro por todo o seu sustento. Esse mesmo pão lhe foi arrebatado, e a morte, dura e inexorável, enlutou esses andrajosos da pobreza (SILVA, 1879, p. 81-82).

Quanto às observações críticas, consistem elas em formulações generalizantes e diretamente judicativas, porém em geral lastreadas na análise de particularidades microtextuais. Um dos seus fundamentos parece encontrar-se em certa concepção de “crítica literária” usualmente prescrita nos compêndios de retórica e poética em uso no Brasil da sua época:

Crítica literária é o juízo imparcial e esclarecido das obras dos escritores antigos e modernos. *Exige* retidão de espírito, *sentimento* vivo e delicado *das belezas e defeitos*, grande honestidade e elevação de vistas, inteligência profunda da verdade, e erudição sólida e variada (PINHEIRO, [1872], p. 165, grifos nossos).

Com efeito, seus enunciados críticos são categóricos tanto nos elogios das “belezas” quanto na condenação dos “defeitos”, como se pode observar nos seguintes exemplos:

A sua rima [de Laurindo Rabelo] é rica e variada, mas não guarda simetria alguma no uso das agudas e graves, segundo a regra observada pelos italianos e seguida pelos nossos melhores poetas. São seus versos

harmoniosos, e raro é encontrar algum mal medido ou cesurado. [...] são composições cheias de elegância, de belezas e de harmonia, abundantes de imagens poéticas e repassadas da mais doce e maviosa melancolia, que nada tem de fictícia (SILVA, 1879, p. 101).

Como poeta [Teixeira e Sousa] era melhor escritor do que como prosador; tinha, porém, o defeito de não saber sopear os seus voos, e perdia-se mais das vezes em divagações. Deixou, contudo, composições de muito mérito [...] (SILVA, 1876, p. 214-215).

Não são mal esboçados os caracteres, mas o enredo peca pelo amontoado de pequenos incidentes que enervam a ação principal. O diálogo é a mais das vezes prolixo, e toca mesmo à trivialidade. O estilo ressent-se da pressa da composição feita ao correr da pena [...] (SILVA, 1876, p. 216).

O outro fundamento de seus juízos de valor provém de duas concepções caras à vertente do pensamento romântico que se tornou hegemônica no Brasil, as noções de que o mérito de uma composição literária se mede por sua fidelidade à cor local ou por sua autenticidade emocional, donde afirmações como as seguintes, que exemplificam respectivamente aplicações, para fins de julgamento crítico, do primeiro e do segundo princípio mencionados:

[...] Gonzaga [...] seguiu a poesia pastoril, as cenas campestres, matou em suas composições o elemento nacional, e deu a sua **Marília de Dirceu** feições inteiramente europeias. Os que o querem defender desse erro [...] advogam a sua causa com as palavras de um ilustre crítico, de que a ninguém é dado sair da esfera de seu século, como se em Inácio José de Alvarenga Peixoto não tivesse ele mesmo um exemplo do contrário, pois as suas poesias têm um certo cunho de nacionalidade, e lidas pelo autor nas palestras de Vila Rica excitavam o entusiasmo pelas cousas da pátria e lhe lucravam louvores e aplausos. E Basílio da Gama com o seu **Uruguai**, e Santa Rita Durão com o seu **Caramuru**, e Silva Alvarenga com a sua **Glaura**, não se mostraram dignos poetas americanos, inspirados pela natureza bela, luxuriante e um tanto bravia de nossa cara pátria? (SILVA, apud GONZAGA, 1862, p. 89-90).

Conhece-se a facilidade que tem [Álvares de Azevedo] em escrever e que a sua pena mal pode seguir a impetuosa torrente das palavras que lhe dita o pensamento. Quando porém a afetação lhe retém a inspiração natural e lhe empola o estilo e lhe encarece a dicção, tirando toda pureza à sua linguagem, tudo se transforma e só resta o autor artificial, com toda a sua ostensiva erudição, defeito que seria desculpável na sua idade se isso mesmo não fora ridículo (SILVA apud AZEVEDO, 1873, v. 1, p. 69).

Observe-se, finalmente, que esse pressuposto da autenticidade emocional, além de erigir-se em critério de valor, permiti-lhe ainda uma leitura dos poemas como documentos autobiográficos, a ponto de citá-los para abonar a reconstituição de detalhes da vida real dos autores. Assim, afirma a respeito de Álvares de Azevedo:

Tinha à sua disposição os melhores livros que seu pai lhe remetia do Rio de Janeiro a seu pedido, satisfazendo a sede de leitura que o devorava [...]; a cabeceira de seu leito podia conhecer-se, como a de Alexandre, pelos poemas de Homero, Dante, Shakespeare, Byron, Musset e Heine: eram os seus poetas de predileção sem excetuar a Bíblia (SILVA apud AZEVEDO, 1873, v. 1, p. 38).

E como prova cita em nota um trecho de “Ideias íntimas”: “Junto do leito meus poetas dormem, / O Dante, a Bíblia, Shakespeare e Byron / Na mesa confundidos.”

4.

A conclusão que se impõe ao término dessa descrição dos trabalhos de Joaquim Norberto nos campos da edição de textos e da crítica literária é o reconhecimento de sua incontestável importância, decorrência da consciência técnica com que usualmente se conduzia em suas pesquisas. Assim, não obstante restrições que se possam fazer ao embasamento conceitual de sua produção nas áreas em causa, é inegável que praticou a crítica como estudo analítico e minucioso, e não como resenha ligeira ou emissão de opiniões impressionistas, e que concebeu a edição literária como intervenção ordenadora e interpretativa, e não como mera republicação mecânica de materiais impressos ou manuscritos.¹⁶

No caso da crítica, no entanto, deve-se assinalar também a sua obsolescência, explicável pelos rumos seguidos pelos estudos literários no século XX, progressivamente informados pelos parâmetros imanentistas propostos e difundidos pela teoria da literatura, tão infensos, como se sabe, tanto aos julgamentos de gosto retórico-poéticos

¹⁶ Além dos procedimentos metódicos e sistemáticos que adotou na prática da crítica e da edição literárias, constitui sintoma de sua consciência técnica enquanto pesquisador de literatura a circunstância de, numa época em que o trabalho intelectual se assinalava por ecletismo e reduzido grau de especialização, haver proposto ao Instituto Histórico e Geográfico, na sessão de 4 de maio de 1855, a criação de duas comissões de literatura brasileira, que se acrescentariam às dez já estatutariamente previstas [duas de história e duas de geografia, e mais as de fundos, de estatutos e redação da revista, de revisão de manuscritos, de etnografia, de admissão de novos sócios e de pesquisas de manuscritos]. Encaminhada para estudos à comissão competente – a de estatutos –, a proposta acabou caindo no esquecimento, uma vez que não chegou a ser objeto de parecer e deliberação subsequente (**Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil**, 1855, p. 419-421).

quanto ao biografismo, ao espontaneísmo emocional e à idealização nacionalista, repertório de ideias com que Norberto operou suas análises e formulou seus juízos de valor.

Quanto aos seus esforços no sentido de organizar edições completas e confiáveis, é de lamentar-se que seu exemplo não tenha suscitado maior número de adeptos e continuadores entre nós. De fato, segundo amplo consenso, a literatura brasileira permanece muito pobre nesse aspecto, e mesmo escritores do porte de um Machado de Assis ainda esperam que suas obras sejam coligidas e recebam tratamento editorial à altura de sua importância. É que, se só em décadas recentes mal ou bem aprendemos a valorizar e preservar o patrimônio histórico arquitetônico do País, parece que permanecemos longe de estender o mesmo zelo aos nossos monumentos literários.

ABSTRACT

In Joaquim Norberto's broad and heterogeneous works the texts editions hold an outstanding position. Literary criticism, in its turn, appears as an activity derived from that one, as well as in a lower status in the whole of his production. As a critic, he follows mainly a biographic orientation, frequently trimming the reconstitution of the studied writers' lives with episodes worthy of sentimental feuilletons.

KEYWORDS: Brazil. Romantic literary criticism. Romantic texts editions

Referências

ABREU, Casimiro J. M. **Obras completas**. Coligidas, anotadas, precedidas de um juízo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e seus escritos por J. Norberto de Sousa S. 5. ed. ornada com o seu retrato mais correta e aumentada. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: E. Belhatte; Porto: Ernesto Chardron; Braga: Eugênio Chardron; Lisboa: Carvalho & Cia., 1877.

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva (Alcino Palmireno). **Obras poéticas**. Coligidas, anotadas e precedidas do juízo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e suas obras e acompanhadas de documentos históricos por J. Norberto de Sousa S. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: Garnier Irmãos, 1864. 2 v.

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. **Obras**. Precedidas do juízo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de S. S. 4 ed. inteiramente refundida e aumentada, ornada de retrato. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: E. Belhatte, 1873. 3 v.

BARRETO, Dalmo. Centenário da morte de Joaquim Norberto de Souza Silva. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 152, n. 373, p. 937-941, out./dez. 1991.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**; momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1971 [1959]. v. 2.

CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, [1949].

_____. Capítulo III: o pré-romantismo. In: _____. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1961. p. 1369-1522. v. 3.

CASTELLO, José Aderaldo. (Org.). **José Bonifácio, o velho**; poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

COSTA, Cláudio Manuel da (Glaucete Saturnio). **Obras poéticas**. Nova ed. contendo a reimpressão do que deixou inédito ou anda esparso, e um estudo sobre a sua vida e obras por João Ribeiro, da Academia Brasileira. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903. 2 v.

DIAS, A[ntônio]. Gonçalves. **Poesias**. 6. ed. Organizada e revista por J. Norberto de Sousa Silva e precedida de uma notícia sobre o autor e suas obras pelo cônego doutor Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: E. Belhatte, 1877. 2 v.

DIRCEU de Marília; líras atribuídas à Sr^a D^a M. J. D. de S. (natural de Vila Rica). Rio de Janeiro: Tipografia de J. E. S. Cabral, 1845.

_____. Org. e apres. de Ilca Vieira de Oliveira. Montes Claros: Unimontes, 2001 [1845].

GAMA, José Basílio da. **Obras poéticas**. Precedidas de uma biografia crítica e estudo literário por José Veríssimo. Rio de Janeiro; Paris: Garnier, [1903].

GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**; líras. Precedidas de uma notícia biográfica e do juízo crítico dos autores estrangeiros e nacionais e das líras escritas em resposta às suas e acompanhadas de documentos históricos por J. Norberto de Sousa S.; ornada de uma estampa. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: Garnier Irmãos, 1862. 2 v.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, Rio de Janeiro. Extrato das atas das sessões; 220^a sessão de 25 de outubro de 1850. **Revista trimensal de história e geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 520-521, 4^o trim. 1850.

_____. Extrato das atas das sessões; 224^a sessão de 5 de dezembro de 1850. **Revista trimensal de história e geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 529-531, 4^o trim. 1850.

_____. Extrato das atas das sessões; 1^a sessão em 4 de maio de 1855. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 419-421, 3^o trim. 1855.

MIRANDA, José Américo. **Origens do conceito de literatura brasileira**: o papel de Joaquim Norberto de Sousa Silva e seu Bosquejo da história da poesia brasileira. C. M. H. L. B. Caravelle, Toulouse: 70: 135-150, 1998.

_____. A invenção da literatura brasileira. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. **Capítulos de história da literatura brasileira**; e outros estudos. Ed. e notas de José Américo Miranda & Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p. 5-24.

MOREIRA, Maria Eunice. Um rato de arquivo: Joaquim Norberto de Sousa Silva e a história da literatura brasileira. **Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 21-27, jun. 1995.

_____. (Org). **Falas diversas**; quatro estudos sobre Joaquim Norberto. Porto Alegre: Centro de Pesquisas Literárias; PUC-RS, 2001.

_____. Na rede do tempo; história da literatura e fontes primárias: a contribuição de Joaquim Norberto. In: ZILBERMAN, Regina et al. **As pedras e o arco**; fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. p. 119-198.

PACHA, Sérgio. Nota editorial. In: GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. Texto estabelecido e anotado por Sérgio Pacha. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 15-20.

PEIXOTO, Almir Câmara de Matos. **Direção em crítica literária**; Joaquim Norberto de Sousa Silva e seus críticos. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1951.

PEIXOTO, Afrânio; ALVES, Constâncio. **José Bonifácio**; o velho e o novo – antologia brasileira. Paris; Lisboa: Aillaud e Bertrand; Porto: Chardron; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.

PEIXOTO, Inácio José de Alvarenga. **Obras poéticas**. Coligidas, anotadas, precedidas do juízo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e suas obras com documentos históricos por J. Norberto de Sousa S. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: Augusto Durand, 1865.

PINHEIRO, J[oaquim] C[aelano] Fernandes, cônego dr. **Postilas de retórica e poética**; ditadas aos alunos do Imperial Colégio de Pedro II pelo respectivo professor. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1872].

RABELO, Laurindo José da Silva. **Obras poéticas**. Coligidas, anotadas, precedidas do juízo crítico de escritores nacionais e de uma notícia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de Sousa-Silva. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: E. Belhate, 1876.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Introd., sel. e notas. **Poesia romântica**; antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Bento Teixeira Pinto. **Revista trimensal de história e geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 274-278, 2º trim. 1850.

_____. Notícia sobre o autor [Frei Manuel Joaquim da Mãe dos Homens] e sua obra. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 475-488, 1898 [1856].

_____. Esboço biográfico. In: SILVA, José Bonifácio de Andrada e. **Poesias de Américo Elísio**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1861. p. 187-202.

_____. Apresentação. In: AZAMBUJA, M. Gaspar de Almeida. **As saudades**. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, 1862. p. I-III.

_____. Casimiro de Abreu. **Revista trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 40, p. 295-320, 2º trim. 1870.

_____. Notícia sobre Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa e suas obras. **Revista trimensal do Instituto Histórico-Geográfico e Etnográfico do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 52, p. 197-216, 1876.

_____. O Dr. Laurindo José da Silva Rabelo. **Revista trimensal do Instituto Histórico-Geográfico e Etnográfico do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 58, p. 75-113, 1879.

_____. [Discurso por ocasião da morte de Joaquim Manuel de Macedo]. Apud ATAS das sessões em 1882; 1ª sessão ordinária em 9 de junho de 1882. **Revista trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 65, p. 437-441, 1882.

_____. Alocução do presidente [lida na sessão solene comemorativa do centenário de Cláudio Manuel da Costa]. **Revista trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 81, p. 15-25, 1º e 2º trim. 1890.

_____. Notas biográficas [sobre Cláudio Manuel da Costa]. **Revista trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 81, p. 118-137, 1º e 2º trim. 1890.

_____. D^a Beatriz de Assis; mais algumas páginas para as Brasileiras célebres, lidas na sessão de 23 de outubro de 1868. **Revista trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, v. 55, n. 86, p. 59-78, 1892.

_____. **Brasileiras célebres**. Ed. fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1997 [1862].

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica; crítica textual**. São Paulo: Ars Poética; Edusp, 1994 [1977].